

Dados de Catalogação na Publicação:  
Bibliotecária Leda Lopes - CRB-10/2064

S612a Simpósio Internacional Música e Crítica (2. : 2018 :  
Pelotas, RS) [recurso eletrônico].  
Anais do II Simpósio Internacional Música e crítica :  
a crítica musical periodista no Brasil e na Argentina. /  
organizadora Amanda Oliveira; organizador e editor  
Luiz Guilherme Goldberg. Pelotas, 2019.  
138 p.

Disponível  
em: <https://wp.ufpel.edu.br/criticamusical/anais/>  
ISSN: 2596-0628

1. Música. 2. Crítica musical periodista - Brasil-  
Argentina. I. Oliveira, Amanda, org. II. Goldberg, Luiz  
Guilherme, org., ed. III. Título.

CDD 780

# Ernani Braga e Vicente Fittipaldi: música e crítica no 1º Congresso Afro-brasileiro

Andrea Albuquerque Adour da Camara  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
*andreaadour@musica.ufrj.br*

Sérgio Anderson de Moura Miranda  
Universidade do Estado de Minas Gerais  
*sergioandersct@hotmail.com*

Resumo: Durante o I Congresso Afro-brasileiro, realizado em Recife no ano de 1934, entre os dias 11 e 16 de novembro, estiveram presentes diversos intelectuais, os músicos, bem como líderes de comunidades de religiões afro-brasileiras. Os músicos Ernani Braga e Vicente Fittipaldi foram convidados a coletar toadas durante as aberturas dos espaços religiosos propostos pelo Congresso e, a partir daí, realizaram audição pública de músicas compostas a partir desta recolha, interpretadas pelo Orpheão do Conservatório Pernambucano de Música. Este artigo busca contrapor o trabalho apresentado por estes dois compositores no congresso, com sua publicação nos anais e a repercussão que obteve na Imprensa de sua época.

Palavras-chave: 1º Congresso Afro-brasileiro. Ernani Braga. Vicente Fittipaldi. Africanias.

## Ernani Braga and Vicente Fittipaldi: music and criticism in the I Afro-Brazilian Congress

Abstract: During the Afro-Brazilian Congress held in Recife in 1934, from 11 to 16 November, intellectuals, among them doctors, as well as the leaders of communities of Afro-Brazilian religions. The musicians Ernani Braga and Vicente Fittipaldi were invited to collect during the Congress during the openings of religious spaces and, from there, they held public audiences of songs composed from this collection, interpreted by the Orpheus of the Pernambuco Conservatory of Music. This article seeks to counteract the work by these two non - congress composers, with its edition in the annals and a repercussion that comes in the Press of its time.

Keywords: 1º Afro-brazilian Congress. Ernani Braga. Vicente Fittipaldi. Africanias.

## 1. Introdução

Este trabalho teve início quando o Grupo de Pesquisa Africanias UFRJ realizou um trabalho intitulado *Revisitando O`Kinimbá*, durante a III Jornada Novas Musicologias em agosto de 2017 e, em seguida um recital-palestra intitulado Africanias no X Seminário de Música Brasileira realizado nos dias 13 e 14 de setembro de 2017, que incluía uma pesquisa a respeito desta canção, *O Kinimbá*, de Ernani Braga. Até então não havíamos encontrado nenhum trabalho que relacionasse esta canção e a recolha apresentada por Ernani Braga no 1º Congresso Afro-brasileiro. Possivelmente, isso é decorrente de que a publicação apresenta o título geral Toadas de Xangô do Recife, sendo esta a segunda desta coleção, apresentada com o título *Toada de Xangô (Kinimbá)*. O interesse em relacionar ambas surge da dissertação *Five Songs of Northeastern Brazilian Folklore by Ernani Braga, Harmonized for Voice and Piano: a Performance Guide*, defendida na University of North Dakota (UND), nos Estados Unidos, em 2010, em cujo segundo capítulo o autor Sergio Anderson de Miranda apresenta uma análise

a respeito da canção *O'Kinimbá*, escrita para canto e piano. Após reuniões do grupo de Pesquisa Africanias, e a dificuldade que os intérpretes possuem em conseguir contextualizar e traduzir as canções que aparecem em línguas africanas, buscamos fontes históricas e fontes orais, utilizando a metodologia desenvolvida pelo grupo de Pesquisa Africanias, para encontrar o possível local de coleta e seu registro mais antigo. Foi então, que encontramos o material apresentado por Ernani Braga no 1º Congresso Afro-brasileiro e que nos traz a indicação de que foi recolhida em terreiro de Babalorixá Anselmo, importante líder religioso do candomblé em Recife. Neste trabalho, buscaremos ecoar o contexto da coleta e da audição da canção, a partir das informações contidas nos anais do Congresso, das críticas a respeito do evento bem como de informações a respeito de Ernani Braga. Uma das surpresas resultantes deste trabalho foi a confirmação de que, apesar de outro compositor, Vicente Fittipaldi, estar citado em todos os periódicos consultados, este não aparece citado nos anais.

## **2. Metodologia**

O trabalho foi realizado comparando o conteúdo dos anais do 1º Congresso Afro-brasileiro por Gilberto Freyre em dois volumes (*Estudos Afro-brasileiros*, V. I e *Novos Estudos Afro-brasileiros*, V. II), com a sua repercussão pela imprensa da época. A pesquisa com relação à Imprensa foi realizada junto à Hemeroteca Digital a partir do uso das seguintes entradas: “Congresso Afro-Brasileiro”, “Vicente Fittipaldi” (bem como Vicente Fitipaldi, pois foi observado que as duas formas de escrita vigoravam), “Anselmo” (Babalorixá Anselmo ou Pai Anselmo) e “seitas africanas”. O período escolhido foi entre 1930 e 1940. A investigação buscou alcançar pelo menos alguma crítica a respeito do 1º Congresso Afro-brasileiro de 1934 ecoado na imprensa que divulgava na Bahia, em 1937 a realização do 2º Congresso Afro-brasileiro. Posteriormente a pesquisa por local foi ampliada, abrangendo Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Bahia. Foi, também, realizado um estudo complementar buscando as fontes a respeito da chegada de Ernani Braga e Vicente Fittipaldi no Recife, a partir das entradas dos nomes apenas. Para tanto, o período de busca indicado foi 1920 a 1930. Ambas as pesquisas buscaram periódicos de Pernambuco.

## **3. Ernani Braga e Vicente Fittipaldi**

Personalidades fundamentais presentes no 1º Congresso Afro-brasileiro, Ernani Braga e Vicente Fittipaldi, torna-se necessário entender a presença de ambos em Pernambuco e sua proximidade em torno do efervescente momento cultural que vivia Recife, nos anos 30, visto que nenhum dos dois é natural desta cidade.

Francisco Ernani Braga, pianista e compositor, nasceu no Rio de Janeiro em 1888 e faleceu em São Paulo em 1948 e mudou-se para Recife. O *Jornal de Pernambuco* anunciava em 18 de novembro de 1928:

Visitou-nos hontem o professor Ernani Braga, pianista diplomado pelo Instituto Nacional de Musica e que vem aqui ficar residência. “O professor Ernani Braga leccionou durante alguns anos no Rio e em São Paulo pretendendo fazer agora o mesmo aqui. O professor Ernani Braga está hospedado na Pensão Landy.” (JORNAL DE PERNAMBUCO, 18 nov. 1928: 1)

Vicente Mario Ferrari Fittipaldi, violinista e regente, nasceu em Uruguaiana no Rio Grande do Sul em 1904 e faleceu em Recife em 1985. Ambos transferiram-se para Recife onde iniciaram importantes articulações. Vicente Fittipaldi fixou residência em Recife provavelmente em 1926, o que podemos confirmar a partir de dois registros feitos pelo Diário de Pernambuco. O primeiro de 18 de dezembro de 1925 afirmava que:

Pretendendo fixar residência entre nós, abrirá, dentro em breve, um curso de violino nesta capital, aceitando alunos de ambos os sexos o festejado violinista patricio Vicente Fittipaldi, que ultimamente realizou com grande êxito, um concerto no Theatro Santa Izabel. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 18 dez. 1925: 1)

Em seguida encontramos o anúncio a respeito do seu curso, em 21 de fevereiro de 1926:

Prof, Vicente Fittipaldi do Real conservatório de Napoles. Ex-substituto de Franz Pizzo no mesmo conservatório. Ex-cathedra dos Conservatorios de Pelotas e Rio Grande. Ex-1º violino do quarteto clássico da Sociedade de cultura musical do Rio. Lecciona Violino. Informações na “Casa Ribas” e na “Casa da Musica”. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 21 fev. 1926: 11)

O convívio entre os dois é largamente explanado na imprensa, destacando as inúmeras parcerias. A mais relevante delas foi a importante articulação para efetivar a criação do Conservatório Pernambucano de Música. O *Jornal Pequeno* de 18 de junho de 1930, trazia a informação da fundação do Conservatório aproximando já Ernani Braga e Vicente Fittipaldi. Nesse mesmo ano o Conservatório Pernambucano de Música foi, efetivamente fundado.

A voz autorizada de Ernani Braga já se veio juntar a do maestro Vicente Fittipaldi, clamando a mesma urgente necessidade de se fundar o Conservatório de Música do Recife, que será um elemento poderoso para a difusão do gosto e da educação musical em todas as camadas sociais. (JORNAL PEQUENO, 18 jun. 1930: 3)

No ano de 1934, tanto Ernani Braga quanto Vicente Fittipaldi, são amplamente citados nos periódicos, como participantes do 1º Congresso Afro-brasileiro. A Imprensa noticiava que

ambos foram convidados para coletar toadas durante as noites em que os terreiros foram abertos aos congressistas.

#### **4. O 1º Congresso Afro-brasileiro**

O 1º Congresso Afro-brasileiro realizado entre os dias 11 e 16 de novembro de 1934 em Recife reuniu importantes acadêmicos diversos líderes das comunidades de terreiro de Pernambuco. Este fato trouxe uma diversidade de saberes refletidas nos textos produzidos pela Imprensa desta época e também em alguns trabalhos que foram encomendados para o evento, tais como a coleta dos cantos dos terreiros de candomblé locais, realizadas por Ernani Braga e Vicente Fittipaldi. Os trabalhos apresentados durante este evento foram publicados por Gilberto Freire em dois volumes: o primeiro intitulado Estudos Afro-brasileiros em 1935 pela Ariel Editora do Rio de Janeiro e o segundo intitulado Novos Estudos Afro-brasileiros em 1937 pela editora Civilização Brasileira, S. A (aqui utilizamos, entretanto a 2º edição de 1988). É neste primeiro volume onde estão publicadas, sob o título Toadas de Xangô do Recife, as partituras de sete toadas recolhidas por Ernani Braga e Vicente Fittipaldi. Entretanto, não há informação de onde foram recolhidas e, também, se a partitura é a recolha “em si”, ou se é uma reelaboração para ser cantada pelo orfeão de estudantes do Conservatório de Pernambuco (que apresentou as canções ao público no encerramento do Congresso em 16 de novembro de 1934 no Theatro Santa Isabel, regidas por Ernani Braga). Talvez esta seja a razão pela qual o nome de Vicente Fittipaldi não apareça na publicação, ou seja, Ernani Braga pode não ter enviado o documento aos anais com o nome de Fittipaldi por se tratar de uma releitura ou reelaboração da coleta, sendo assim de sua autoria. Por outro lado, a imprensa da época noticiava o nome de Vicente Fittipaldi sempre presente e junto ao nome de Ernani Braga durante o Congresso. Acrescentamos a isso o fato de que o segundo volume dos anais, Novos Estudos Afro-brasileiros, traz em seu último capítulo intitulado O que foi o 1º Congresso Afro-brasileiro, escrito por Gilberto Freyre e, nem neste texto, nem em nenhum dos prefácios de Roquete Pinto e Arthur Ramos, respectivamente, é citada a participação de Vicente Fittipaldi nas recolhidas. Essa invisibilização é para nós, intrigante.

É importante destacar a presença dos líderes das comunidades de terreiro (que naquele momento eram chamadas de seita) em todos os momentos do Congresso, inclusive abrindo suas casas e fazendo todos experienciar sua tradição, degustando a sua culinária e fazendo ouvir os seus toques rituais. Este trabalho, busca contextualizar o 1º Congresso Afro-brasileiro e o impacto da apresentação das Toadas de Xangô recolhidas por Ernani Braga e Vicente Fittipaldi

junto à Imprensa, reconhecendo também os diferentes conflitos que tais apropriações efetuam nos diferentes contextos.

Em um primeiro momento temos a impressão de que a articulação do Congresso atendia apenas à demanda dos intelectuais da época, ávidos por entender um pouco mais sobre a cultura dos povos africanos e seus descendentes que há tão pouco tempo (menos de 50 anos) haviam deixado a condição de escravizados e que acabavam por impactar sobremaneira a sociedade eurocentrada. Entretanto, o movimento para a realização do Congresso conflitava dois interesses: o dos intelectuais, como citado anteriormente e o dos líderes das comunidades e religiões afro-brasileiras que buscavam reconhecimento. Por reconhecimento, leia-se não apenas um reconhecimento intelectual, mas legal: desejavam não ser perseguidos, e nem suas tradições, pela polícia. Em 24 de junho de 1934, o Diário de Pernambuco anunciava:

Recife vai assistir, em agosto próximo, a um congresso de seitas africanas do Brasil. “Pais, mães e filhos de terreiros” entram em acordo com a Diretoria de Higiene Mental e nos vão dar um espetáculo inédito...Data do começo de junho de 1932, o início do contacto do Serviço de Higiene Mental, com as seitas africanas desta capital. No ano acima, por intermédio do registo da Secretaria de Segurança Publica, os auxiliares daquele departamento conseguiram localizar nove seitas africanas entre nós. Pouco a pouco, o Serviço de Higiene Mental foi cativando a confiança dos chefes das seitas, conhecidos por “pais”, “mães” e “filhos” de terreiros....No ano corrente, foi firmado entre a Secretaria da Segurança Publica e a Diretoria de Higiene Mental, um acordo, ficando resolvido encaminhar-se a esta, os interessados no registo de suas “seitas”. Desse modo, deu-se um caráter oficial a esse serviço, ficando assim mais fácil a fiscalização. Até o começo deste mês foram registradas 14 “seitas”....Inspirando confiança puderam então aos “pais”, “mães” e “filhos” de “terreiro”, os que fazem o Serviço de Higiene Mental, puderam então trabalhar com maior segurança...Entretanto queixavam-se, de quando em vez, os “pais de terreiro” da perseguição que lhes movia a polícia e dos noticiários dos jornais, pois para isso eram tidos como “catimbozeiros”...Em meados de 1933, numa reunião havida na Diretoria Geral de Assistencia de Psicopatas, à qual compareceu a maioria dos “pais” de “terreiro”, ficou combinado que a Diretoria de Higiene Mental passaria a se interessar de perto, pelas seitas africanas, afim de que fossem evitadas as perseguições. Em compensação, porém, os “pais” de “terreiros” se comprometiam a fornecer à Higiene Mental os dados e facilidades para uma mais eficiente fiscalização...Ao escritor patricio Gilberto Freire, coube a iniciativa do congresso... As finalidades do congresso estão bem definidas. Com sua realização haverá possibilidade duma melhor compreensão da parte do publico para as manifestações religiosas das “seitas”...Durante as sessões do congresso, cada “Babalorixá” fará uma explanação histórica sobre sua “seita”. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 24 jun. 1934: 9).

O conflito reside justamente no fato de que, se por um lado Gilberto Freire contribuiu para a aceitação legal dos diversos grupos de tradições afro-brasileiras, por outro lado, acabou por conferir a estas tradições um olhar de exotismo, distanciando a elite da sociedade, embasada nos ideais europeus, a partir de investigações eugenistas e culturalistas. Os líderes religiosos dos terreiros perceberam, porém, que talvez essa fosse a única maneira de poder exercer suas tradições, evitando as inúmeras prisões e perseguições. O movimento destes líderes iniciou-se

então busa partir da articulação do 1º Congresso de Seitas Africanas do Brasil que antecedeu e propiciou a realização do 1º Congresso Afro-brasileiro.

A partir deste ponto começamos a questionar a presença de Ernani Braga e a ausência do nome de Vicente Fittipaldi nos anais do Congresso, tornando-se fato bastante curioso. Todos os jornais apontam o trabalho de recolha em conjunto. Gilberto Freire também não cita Fittipaldi no texto que encerra o II Volume dos anais, como havíamos citado anteriormente:

O professor Ernani Braga, que recolheu para o Congresso um grupo de toadas de xangô que as meninas do Conservatório cantaram no dia do encerramento, debaixo das palmas de entusiasmo da melhor gente do Recife. Gente que afinal se voltara para o assumpto e descobrira nessas “coisas de negro” mais do que simples pitoresco: uma riqueza nova de emoção, de sensibilidade, até mesmo de espiritualidade; uma parte grande e viva da verdadeira cultura brasileira; a arte dos Villa-Lobos e dos Cicero Dias nas suas raízes mais profundas. (FREIRE, 1988: 349)

Por outro lado, O Jornal de Recife de junho de 1934, anunciava o convite feito ao músico Vicente Fittipaldi junto às comunidade de terreiro para conhecer os toques e toadas do candomblé durante o 1º Congresso de Seitas Africanas do Brasil e, nesse caso, quem está ausente neste primeiro momento, é o Ernani Braga:

Realisou-se hontem, numa das salas da Directoria Geral da Assistencia a Psychopathas, a primeira reunião preparatória do Congresso de Seitas Africananas do Recife...No Congresso que se realizará a 23 do corrente, provavelmente em Beberibe, serão discutidos assumptos de interesse comum para as várias seitas...Dentre outros assumptos “Da regulamentação dos toques”, por Manuel Anselmo Hyppolito, “Das vantagens para cada seita e congresso com este”, “Da conducta em publico dos filhos de terreiros”, por Apolinario Gomes da Costa, e “Das relações das seitas umas com as outras”....Durante o Congresso, as seitas se farão ouvir nas suas toadas religiosas, em lingua africana, cuja musica será apanhada pelo professor Vicente Fittipaldi...(JORNAL DE RECIFE, 9 jun. 1934: 2)

O mesmo jornal, em 7 de setembro de 1934, corrobora com esta última, onde também não há indicação da presença de Ernani Braga. Nesta mesma publicação, faz-se entender que o 1º Congresso das Seitas Africanas no Brasil, muda de nome para 1º Congresso Afro-Brasileiro:

Reuniu-se homtem numa das salas da Assistencia a Psychopathas, a comissão organizadora do 1º Congresso Afro-Brasileiro. Estiveram presentes o prof. Ulysses Pernambucano, Drs. Gilberto Freire, Pedro Cavalcanti, José Lucena, Gonçalves Fernandes, acadêmicos José Valadares, Jarbas pernambucano, Diogenes Junior e Mauricio de Barros.

Ficou resolvido que o Congresso de Seitas Africanas ficasse compreendido no de estudos afro-brasileiros de que já se cogitara, tomando a denominação geral de 1º Congresso Afro-brasileiro. Este deverá realizar-se de 11 a 15 de novembro próximo, constante da leitura e discussão de trabalhos a serem apresentados (arte, folk-lore, sociologia e psychologia social, ethnographia, reniões, à noite em terreiros de seitas africanas de Recife, com danças e musicas afro-brasileiras, e uma composição de

objetos de arte religiosa (xangôs, macumbas, candoblés, etc.) e de desenhos, pinturas e fotografias dos grandes artistas pernambucanos Cicero Dias, Manoel Sandeira, Luiz Jardim e Francisco Rebelo sobre assumptos afro-brasileiros. Esta exposição se realizará provavelmente, numa das salas do Theatro Santa Isabel.

Ao Congresso, que está despertando o maior interesse em todo o paiz, enviarão trabalhos, entre outros, os conhecidos especialistas em assumpto afro-brasileiras, Arthur Ramos, Renato Mendonça, Ulysses Pernambucano, Gilberto Freire, Nobrega da Cunha, Ascenso Ferreira, Mario Maroquim, Samuel Campello, Pedro Cavalcanti, Gonçalves Fernandes. O maestro Villa-Lôbos manifestou sua sympathia entusiastica pelo Congresso, ao qual dará o brilho de sua presença.

Também deverá vir do Rio, representando a Sociedade Felipe de Oliveira, que se mostra interessada em todos os movimentos de interesse intelectual e artístico, o poeta Augusto Frederico Schmidt.

O professor Vicente Fittipaldi fará o apanhado das musicas religiosas que serão cantadas pelas seitas africanas durante o Congresso. (JORNAL DE RECIFE, 7 set. 1934: 5)

O nome de Ernani Braga, entretanto, está sempre citado nas notícias que tratam do 1º Congresso Afro-brasileiro, sempre junto com Vicente Fittipaldi. Em 16 de novembro de 1935, o Diário de Pernambuco anunciava o encerramento do Congresso com a audição das toadas recolhidas pelos dois: “hoje, às 16 horas, no Theatro Santa Isabel realiza-se a audição de música afro-brasileira dirigida pelos maestros Ernani Braga e Vicente Fittipaldi. Serão cantados motivos africanos colhidos nos cultos pelos dois musicistas”. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 16/11/1934, p. 4)

## **5. As Toadas de Xangô**

Foram encontradas diversas críticas a respeito do evento em que ocorreu a audição das Toadas de Xangô (Figura 1) coletadas por Ernani Braga e Vicente Fittipaldi e harmonizadas para o Orpheão do Conservatório. A partir das críticas e de posse dos anais, podemos levantar a hipótese de que o nome de Fittipaldi não aparece citado nos anais, seja pelo fato de que possivelmente ele participou apenas da coleta, e de que a harmonização para o Orpheão foi realizada apenas pelo Ernani Braga, sendo esta, aquela que foi publicada nos anais.



**Toadas de Xangô do Recife (1)**

*Toada de Ogum (Ogum-kalasi)*

- moderato -

(1) Recolhidas para o Congresso Afro-Brasileiro do Recife pelo Prof. Ernani Braga.

Scanned with CamScanner

Figura 1. Toadas de Xangô. FREYRE, 1988.

Dentre as críticas encontradas, traremos duas em comparação: a primeira, um olhar crítico a respeito da paisagem sonora dos temas apresentados por Ernani Braga e Vicente Fittipaldi.

O Congresso Afro Brasileiro realizado por iniciativa de intelectuaes pernambucanos, colheu resultados imprevistos. De par com a elevação moral da sub-raça, ressaltaram as manifestações de ordem artisitica. A estylisação das musicas africanas pelo maestro Ernani Braga foi uma maravilha de arte. Nos Santa Isabel tivemos na tarde de hontem motivos inéditos de emotividade. Os cantos não podiam reunir os encantos da musica de ordem clássica, mas afirmaram a razão de ser da musica genuinamente brasileira: a dolência das harmonias simples e nostálgicas que servem de fundo à musica nacional. Sabe-se que só a civilização encerra os segredos romaticos da harmonia com a perfeição da arte. O africano, como o índio, vibra em poucas notas de um conjunto monótono; é a música sem acidentes e sem artificios. Mas talvez dessa monotonia fica a boiar na audição a tristeza fundamental da alma selvagem. O maestro Ernani Braga deve estar, com todas as figuras do “Orpheon”, satisfeito do êxito obtido. (JORNAL PEQUENO, 19 nov. 1934: 1)

A segunda, uma apreciação do próprio Ernani Braga a respeito da registração.

Não é fácil o trabalho de captação o dos temas. Em geral a toada, que é sempre repetida várias vezes, vai sofrendo, a cada repetição, pequenas variantes melódicas e rítmicas. A afinação bastante indecisa dos cantores, aumenta a dificuldade. Fora do seu ambiente, como na audição realizada naquele domingo no Conservatório, os cantores se conduzem melhor sob o ponto de vista da justeza de afinação, amenizando a tarefa do tachygrapho. Mas as toadas perdem justamente um dos característicos essenciaes, que é a imprecisão da altura dos sons, dando às vezes impressão de outro systema musical, com sub-divisões dos semitom...As “ialorixás” respondem sempre à monodia do pae de terreiro – “babalorixá”...O contorno melódico das toadas é sempre interessante. As vezes o inicio faz reccer um lugar comum. Mas aparece, de repente, uma curva caprichosa, e a gente verifica, com prazer, que está deante de uma coisa nova, ainda não ouvida antes.... Raras toadas obedecem ao ritmo, ou aos ritmos da percussão. Na maioria dos casos o ritmo binário dos instrumentistas aparece casado com o ritmo ternário dos cantores. E vice-versa...(A NOITE, 21 nov. 1934: 16)

É interessante como o ponto de vista daqueles presentes na tarde de 16 de novembro contrasta com a percepção do Ernani Braga a respeito da gravação. Aqui temos que considerar que o produto de Braga, foi uma recriação do trabalho de coleta. Ainda assim, se compararmos as duas críticas, podemos pensar que sequer estão falando da mesma música ou do mesmo fenômeno sonoro. Teria Ernani Braga, apesar da complexidade que citou (tanto no sistema de afinação, da rítmica, bem como o próprio problema de limite da escrita da partitura que não comporta os diversos matizes da oralidade), conseguido reproduzir minimamente o que escutou? Teria sido esse seu desejo?

O jornal *A Nação*, de 18 de novembro de 1934, afirmava o grande êxito desta audição: “alcançaram grande êxito as musicas e canções sob a direção do maestro ernani braga e de vicente fittipaldi de motivos africanos escolhidos por ambos nos meios mais apropriados, onde se conservam muito puras certas tradições africanas”. (A NAÇÃO, 18 de novembro de 1934, p. 4).

## 5 – Considerações finais

A partir da produção textual dos periódicos em torno do 1º Congresso Afro-brasileiro, foi possível perceber que:

- 1) Ainda que de forma incipiente, visto que até então não havia sido relacionada a peça O’Kinimbá de Ernani Braga com as coletas produzidas para os anais do Congresso (pelo próprio Ernani Braga e por Vicente Fittipaldi), percebemos que a historiografia parece ter trazido a luz apenas a harmonização das Toadas de Xangô realizadas por Ernani Braga, invisibilizando a presença de Vicente Fittipaldi.
- 2) A diferença entre a recepção da crítica e o relato de Ernani Braga (em que apresentava as suas dificuldades em registrar as toadas decorrentes de uma possível diferença de sistema

tonal e de rítmica muito complexa) apontam para a hipótese de que talvez Ernani Braga tenha percebido, mas não tenha conseguido registrar toda a diversidade que ele citou em seu relato. Ou, ainda, que suas harmonizações, como no caso da peça O'Kinimbá, foram bastante simplificadas, ajustando a toada ao sistema tonal e à rítmica do ocidente. Infelizmente, não temos até o momento o material bruto extraído da recolha (seus rascunhos).

- 3) O 1º Congresso Afro-brasileiro foi importante movimento para o reconhecimento das religiões africanas no Brasil.

### **6 - Epílogo:**

Sobre as religiões afro-brasileiras no início do século e sua resistência, buscando legalidade e aceitação, vale comparar dois acontecimentos relatados pela imprensa que mostram as diversas perseguições que as religiões de matriz africanas sofreram (e ainda sofrem) no Brasil. O *Diário de Pernambuco* de 22 de julho de 1935, noticiava que:

Pleiteado pelo Serviço de Hygiene Mental da Assistencia a Psychopatas, foi concedido aos “changôs” licença policial para funcionarem com plena liberdade... A medida foi recebida com sympathia pelos babalorixás que se viram assim livres da perseguição policial para os seus “toques”, podendo cumprir o seu rito dentro da melhor ordem. ...Ouvimos ainda o babalorixá...Anselmo foi um dos organizadores do Congresso Afro-brasileiro nos diz sobre a medida: - “O que a policia fez agora foi uma medida boa...(DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 22 jul. 1935: 10)

O 1º Congresso Afro-brasileiro de certa forma propiciou uma abertura da sociedade da época. Entretanto, a sociedade não acompanhou efetivamente os avanços conquistados durante o Congresso. Pouco tempo depois, o mesmo jornal anunciava;

Preso hontem o “babalorixá” Anselmo.O facto foi mesmo comentado nos corredores da Secretaria de Segurança Publica. Entretanto a policia se negou a dar informações sobre o caso. Ao meio dia, Anselmo foi posto em liberdade com os seus companheiros....(DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 25 set. 1935: 10)

Muito ainda há que ser feito, 84 anos depois e infelizmente as religiões de matriz africana ainda sofrem as mesmas perseguições. Esperamos que este trabalho possa contribuir para as pesquisas na área de Africanias, demonstrando a importância do exercício de contextualização e comparação a partir da utilização dos periódicos, visando contribuir tanto para as práticas interpretativas, quanto para a musicologia.

**Referências:****Periódicas:**

- A NAÇÃO. Rio de Janeiro: 18 de novembro de 1934.
- A NOITE. Rio de Janeiro: 21 de novembro de 1934.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife: 18 de dezembro de 1925.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife: 21 de fevereiro de 1926.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife: 24 de junho de 1934.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife: 9 de junho de 1934.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 16 de julho de 1934.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 22 de julho de 1935.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 16 de novembro de 1934.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife: 25 de setembro de 1935.
- JORNAL DE RECIFE. Recife: 9 de junho de 1934.
- JORNAL DE RECIFE. Recife: 7 de setembro de 1934.
- JORNAL PEQUENO. Recife: 18 de junho de 1930.
- JORNAL PEQUENO. Recife: 7 de setembro de 1934.
- JORNAL PEQUENO. Recife: 19 de novembro de 1934.
- JORNAL DE PERNAMBUCO. Recife: 18 de novembro de 1928

**Bibliográficas:**

- FREYRE, Gilberto. Estudos Afro-brasileiros. 2º edição. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1988.
- FREYRE, Gilberto. Novos Estudos Afro-brasileiros. 2º edição. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1988.